

OS SENTIDOS DA PARTICIPAÇÃO DE JOVENS EM GRUPOS DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA EM UM CONTEXTO RELIGIOSO

*The meanings of the participation of youth in groups
of artistic expression in a religious context¹*

Priscila Adriana Batistel Ramos²

Allan Henrique Gomes³

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo investigar os sentidos da participação de jovens em grupos de expressão artística, em um contexto religioso na cidade de Joinville – SC. Há uma demanda no ser humano em dar sentido às coisas que é tão premente quanto as necessidades biológicas. Tanto a arte como a religião, podem ser compreendidas como fontes de sentidos. A pesquisa foi realizada com jovens entre 18 e 25 anos que participam de grupos de expressão artística de uma igreja local, por meio de grupo focal. A partir da pesquisa foi possível perceber que a expressão artística neste contexto encontra-se tecida em um movimento de mediação com diversos processos: de uma constituição identitária

¹ O artigo foi recebido em 25 de março de 2018 e aprovado em 12 de abril de 2018 com base na avaliação dos pareceristas *ad hoc*.

² Graduada em Psicologia pela Associação Catarinense de Ensino/Faculdade Guilherme Guimbala. E-mail: Priscila.batistel@hotmail.com.

³ Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor integrante do Laboratório de Psicologia Social Comunitária da Faculdade Guilherme Guimbala – FGG/ACE. Professor adjunto da Universidade da Região de Joinville/SC – UNIVILLE. E-mail: allanpsi@yahoo.com.br.

a partir dos vínculos institucionais, dos processos de (re) significação de si, e do sujeito com o transcendente. Considera-se que o campo religioso é um espaço de multiplicidade de sentidos passíveis de serem explorados pela ciência psicológica e que as relações entre arte e religião, amplamente conhecidas, não são estáticas, mas diversas e complexas, ou seja, atravessadas por outros tantos fatores.

Palavras-chave: Psicologia; expressão artística; religião; juventude.

ABSTRACT

This research had as objective to investigate the meanings of participation of youth in groups of artistic expression, in a religious context in the city of Joinville – SC. There is a demand in the human being to give meaning to things that is so pressing as the biological needs. The research was done with youths between 18 and 25 years of age that participate in groups of artistic expression in a local church, through a focal group. From the research, we were able to perceive that the artistic expressions in this context are intertwined in a mediating movement with diverse processes: of identity constitution with the institutional ties, of (re)signification of the self, and of the subject with the transcendent. It is considered that the religious field is a space of multiplicity of meanings able to be explored by the psychological sciences and that the relations between art and religion, widely known, are not static, but diverse and complex, that is, intersected by many other factors.

KEYWORDS: Psychology; artistic expression; religion; youth.

INTRODUÇÃO

Existem diversas formas do ser humano atribuir sentido às experiências na vida. Segundo Aquino⁴ há uma demanda no humano em dar sentido às coisas que é tão premente quanto as necessidades biológicas. Neste aspecto, a religião pode ser compreendida como uma histórica fonte de sentidos. Ao falar de sentidos, buscou-se apropriar de um plano que diz respeito à expressão do sujeito, considerando seu processo histórico e social.⁵

⁴ AQUINO, Tiago Antônio Avelar de. *Atitude Religiosa e Sentido da Vida: Um Estudo Correlacional*. Psicologia ciência e profissão. 2009, p. 228 – 243.

⁵ AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sérgio. *Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos*. Psicologia Ciência e Profissão, 2006, p. 222-245.

Quando se fala em juventudes compreende-se que ser jovem não está somente atrelado a uma passagem ou a um período do desenvolvimento. Dayrell⁶ nos ajuda a compreender os jovens como sujeitos sociais, que a partir de determinada cultura e estilo de vida, constroem modos de ser jovem. Desta forma, refere-se à vivência da juventude aqui, considerando o contexto da pesquisa e a sua realidade social e cultural.

As juventudes da atualidade, encontram-se mais livres para elaborar suas próprias concepções e valores a respeito do mundo, em um movimento constante de (re) significações e transformações sociais. Na esfera religiosa não é diferente, as juventudes deste século vêm atrelando um novo significado a experiência religiosa, onde a fé individual, por vezes, é mais valorizada do que o vínculo com a instituição religiosa.

A igreja pesquisada, denominada *Onda Dura*, é voltada para o público jovem e promete sair dos moldes tradicionalistas, tendo como lema ser "tão igreja, que nem parece uma".⁷ A igreja é composta por aproximadamente 4000 membros espalhados por diversas cidades do país. Foi fundada em 2007 por quatro jovens de uma comunidade evangélica, que idealizavam uma igreja atraente, dinâmica e que atendes-se às necessidades de sua geração.⁸ Para isso, a igreja pesquisada trabalha fundamentalmente com a expressão artística. Os encontros semanais contam com a participação de grupos de expressão artística, sendo eles das seguintes modalidades: música, danças contemporâneas, danças urbanas, teatro e *circus*.⁹

⁶ DAYRELL, Juarez. *O jovem como sujeito social*. Revista Brasileira de Educação, 2003.

⁷ Slogan da *Onda Dura* disponível em: <http://ondadura.com.br/>

⁸ GANDRA, Valdinei. Ramos. A ascensão da Igreja Onda Dura de Joinville: 'usos da cultura' como estratégias de mercado e mídia no campo religioso. In. OLIVEIRA, David Mesquiati; FERREIRA, Ismael de Vasconcelos; FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Pentecostais em perspectiva*. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017, p. 385 – 394.

⁹ Nome atribuído pela instituição ao grupo que tem práticas circenses.

Zacharias¹⁰ defende que pontes de diálogos entre os diversos olhares para os aspectos que constituem o sujeito, podem possibilitar uma maior compreensão do fenômeno observado. Assim, considerando o universo de significados que estão implicados nas artes, nas religiões e nas juventudes, é válido ampliar o olhar para uma melhor compreensão dos sentidos atribuídos pelos sujeitos de pesquisa e “humildemente, atuar dentro dos limites dos nossos conhecimentos, o olhar psicológico”.¹¹

Portanto, o objetivo desta pesquisa foi investigar quais os sentidos da participação de jovens em grupos de expressão artística em um contexto religioso, e com isso, compreender os aspectos presentes no envolvimento dos jovens com a arte dentro de um contexto religioso, identificar os processos de construção da identidade religiosa a partir da arte e compreender como a arte pode influenciar os jovens na experiência religiosa.

1 METODOLOGIA

Esta pesquisa se trata de uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo trabalhar “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”.¹² Sendo assim, a proposta foi interagir com jovens entre 18 e 25 anos que participam de grupos de expressão artística de uma igreja local, por meio de grupo focal. O grupo focal trata de “um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é o objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal”.¹³

Após aprovação em um Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH), foi feito o contato com a instituição para a realização

¹⁰ ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. *Ensaio sobre psicologia e religião: Uma questão do olhar*. Psicólogo inFormação. 2010.

¹¹ ZACHARIAS, 2010, p. 179.

¹² MINAYO, M.C.S. *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 22.

¹³ Powell e Single *apud* LOPES, 2014, p. 483.

de uma reunião com os líderes dos grupos, com o objetivo de verificar dias e horários dos ensaios, bem como a quantidade de membros de cada grupo. A partir deste mapeamento, foi possível situar o campo e entender um pouco como estes grupos se organizam. Além disso, no contato com os líderes foram levantados os nomes dos participantes que atendiam os critérios de inclusão para composição do grupo focal. Foram escolhidos dois membros de cada grupo, exceto o núcleo de danças contemporâneas que só tinha uma participante que atendia aos critérios de inclusão. Diante disso, foi feito o contato com estes sujeitos para fazer o convite de participação na pesquisa.

Os critérios de inclusão era ter entre 18 e 25 anos e estar no mínimo 6 meses no grupo de artes. Abaixo, segue um quadro do perfil dos sujeitos que participaram da pesquisa. A fim de manter o sigilo a respeito dos participantes, foram atribuídos a estes um nome fantasia, referente a personagens da obra de Dom Casmurro, inspiração de muitas peças e espetáculos. Esta escolha se deve a analogia feita à religião na obra de Dom Casmurro, principalmente no que diz respeito aos nomes dos personagens.

Quadro 1: Descrição dos participantes da pesquisa:

	Participante	Idade	Grupo de Artes	Tempo de grupo
Grupo Focal 1	Capitu	18 anos	Danças Contemporâneas	8 meses
	Bentinho	21 anos	Circus e Teatro	1 e 3 anos
	Prima Justina	18 anos	Circus	3 anos
	Padre Cabral	23 anos	Teatro	1 ano
Grupo Focal 2	José Dias	22 anos	Teatro	5 anos
	Dona Glória	22 anos	Circus	6 anos
	Ezequiel	21 anos	Danças Urbanas	5 anos
	Escobar	24 anos	Música	6 anos

No início do grupo focal, foram entregues aos participantes da pesquisa o termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE, conforme previsto na Resolução 466/12.¹⁴ O encontro com cada grupo foi realizado na própria instituição e teve aproximadamente 1 hora de duração. Os encontros foram gravados por áudio mediante autorização dos participantes para a posterior análise de conteúdo. Também foi realizada uma visita em um ensaio geral, no qual estavam presentes todos os grupos de artes. Na visita, foi possível observar um pouco de como é a rotina dos grupos, a forma como se organizam e captar alguns momentos da convivência cotidiana.

No que diz respeito a etapa de análise de dados, entende-se que a saída do campo exige um distanciamento, que junto com a contínua revisão de literatura possibilita a problematização sobre o contexto de pesquisa, ainda que vivenciado anteriormente à atividade investigativa. Esta análise foi feita a partir do método de análise de conteúdo. Segundo Minayo¹⁵ a análise de conteúdo tem como função a verificação de hipóteses, a qual é possível encontrar respostas que confirme ou não as questões pré-formuladas, além de dar possibilidade da descoberta do que está por trás do que está tramado nos conteúdos enunciados, ou seja, ir além do que está sendo comunicado, abrindo espaços para novas formulações.

O material analisado é resultante da transcrição do grupo focal e das anotações em diário de campo feitas pela pesquisadora e pela assistente. Ao fazer a transcrição, foi possível realizar uma pré-análise, fazendo uma escuta atenta aos detalhes de modo a discernir e explorar os conteúdos que foram trazidos pelos participantes. Diante disso, foi organizado os conteúdos da transcrição em categorias. As categorias não estavam *a priori* definidas, por isso, foram organizadas de modo a agrupar analogias

¹⁴ Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>.

¹⁵ MINAYO, 2001.

percebidas no grupo focal. Em paralelo a isso, manteve-se a revisão de literatura como estratégia de qualificar a leitura das informações e a correlação conceitual.

Do ponto de vista da forma de proceder a análise, fez-se uma escolha pelo paradigma indiciário. Segundo Góes¹⁶ “a elaboração sobre o paradigma indiciário ou semiótico desdobra-se por meio de argumentos que apontam a importância dos pormenores considerados negligenciáveis no estudo dos fenômenos.” Tendo em vista a valorização do singular, esse modelo busca a interconexão de fenômenos na tentativa de compreensão da totalidade.¹⁷

Desta forma, buscou-se analisar as informações obtidas em campo, de modo a abordar os mais variados aspectos que podem envolver estes jovens com a expressão artística em um contexto religioso, para que assim, seja possível obter uma compreensão periférica dos diversos sentidos que compõe este universo, a fim de compreender o fenômeno como um todo.

2 DISCUSSÕES E RESULTADOS

Desde a construção do projeto de investigação, passando pela inserção no campo da pesquisa e ainda na análise dos resultados, foram realizadas leituras que pudessem fomentar nos pesquisadores uma contínua problematização das relações, fronteiras e diferenças entre arte e religião. E neste sentido, apesar do foco no campo ter sido orientado para a expressão artística, preponderantemente o campo desta investigação é um espaço religioso, ainda que em transformação, um lugar inundado de significados históricos e atravessado pela experiência religiosa.

¹⁶ GÓES, M. C. R. *A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade*. Cad. CEDES. 2000. p.18.

¹⁷ GÓES, 2000, p. 19.

A expressão artística, neste sentido, se faz inexoravelmente ligada a uma variedade de aspectos culturais, sem esquecer, portanto, da dimensão religiosa. “A busca religiosa tem relação com a situação existencial do homem, na qual as questões de vida e morte têm um lugar preponderante”.¹⁸ Tais questões podem gerar angústia e aflição para o sujeito, neste caso, o sujeito pode encontrar no campo religioso um sentido que o impulse para a vida.

A religião também faz a mediação da experiência pessoal com o transcendente, entendida como uma vivência de espiritualidade. Ou seja, a “intimidade do ser humano com algo maior”.¹⁹ Esta experiência pode ser mediada por elementos do campo religioso, entretanto, é vivenciada e compreendida de maneira pessoal.

Não se pode deixar de lembrar que o campo de pesquisa é também um campo institucional, sendo assim, os jovens participantes da pesquisa não são atravessados apenas pelos sentidos da religião, mas também pela configuração institucional. Neste contexto, os grupos de expressão artística encontram-se tecidos em um movimento de mediação. Podemos organizar essa mediação em três vertentes: (1) o sujeito com a igreja, abrangendo aspectos que tecem os vínculos comunitários e institucionais a partir de uma constituição identitária; (2) o sujeito com ele mesmo, que seriam os efeitos provocados pela expressão artística e como ela é significada pelo sujeito; e por fim, (3) o sujeito com Deus, contemplando o movimento de transcendência buscado no espaço religioso. Estas vertentes serão organizadas por cenas que serão desdobradas ao longo do texto.

¹⁸ KOVÁCS, Maria Júlia. *Espiritualidade e psicologia – cuidados compartilhados*. O MUNDO DA SAÚDE São Paulo, 2007. p. 247.

¹⁹ SILVA, João Bernardino da; SILVA, Lorena Bandeira da. *Relação entre religião, espiritualidade e sentido da vida*. Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. 2014. p. 204.

CENA 1 – “Dancinhas e Piruetas”

Segundo Paiva²⁰ Saroglou define a comunidade como um dos componentes dentre os quais compõe o quadro religioso. Diferente de viver a espiritualidade como algo isolado, individual, o espaço religioso promove um forte laço com a comunidade, esse aspecto é evidenciado pelos jovens da pesquisa em suas narrativas.

Dentro deste espaço, os grupos de expressão artística parecem reunir sujeitos com alguns objetivos e gostos comuns, podendo provocar um processo de identificação e facilitando o relacionamento com a comunidade religiosa, no âmbito institucional da igreja. Entretanto, o grupo não se baseia apenas na soma dos seus membros, é preciso compreendê-lo “enquanto relações e vínculos entre pessoas com necessidades individuais e/ou interesses coletivos, que se expressam no cotidiano da prática social”.²¹

Martins²² nos ajuda a pensar sobre os processos grupais: além de definir papéis, garantir a produtividade dos indivíduos e grupos através da manutenção e harmonia das relações sociais, o grupo também tem um caráter de mediação da relação entre os indivíduos e a sociedade. Escobar nos mostra um dos sentidos atribuídos por ele ao grupo de expressão artística:

eu nunca tive a oportunidade de fazer música com outras pessoas, e de realmente ter uma banda assim, quando eu ia em outra igreja foi lá que eu comecei a ter esse contato de compartilhar música com outras pessoas (Escobar).

²⁰ PAIVA, Geraldo José et al. *Religiosidade Clássica, Espiritualidade Contemporânea e Qualidade de Vida: Discussões Psicológicas*. RELEGENS THRÉSKEIA estudos e pesquisa em religião. 2015. p. 8.

²¹ MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. *Psicologia social e processo grupal: a coerência entre fazer, pensar sentir* em Sílvia Lane. Psicol. Soc., Porto Alegre, 2007, p. 77.

²² MARTINS, 2007, p. 77.

A fala de Escobar confere ao vínculo comunitário uma forma de partilha na sua relação com a música. Ele conta, que não é pelo fato de fazer música que participa do grupo, pois já faz isso desde a infância por influências familiares, mas sim, por fazer música com outras pessoas.

Na experiência religiosa, as atividades coletivas podem trazer um sentimento de pertença ao sujeito.²³ Em uma sociedade individualista, altamente virtualizada, onde os relacionamentos são descartáveis e fragilizados, o espaço religioso pode estar se apresentando como uma possibilidade de vivência grupal em um contexto comunitário que, diferente de outros tempos onde a religião era centralizada, as novas igrejas parecem que acabam por oferecer condições de convivência social e ainda, a realização pessoal por meio da atividade criativa de seus membros.

Segundo Amatuzzi²⁴ a religião pode ser capaz de situar a pessoa no todo e orientar sua vida. Isso porque o ser humano tem uma necessidade de atribuir sentido a vida, a partir de indagações sobre a própria existência. Ezequiel ainda atribui essa capacidade de fornecer sentido, à própria instituição, não apenas à religião enquanto um conjunto de crenças: *“Uma das coisas que me motivou foi o fato de eu me encontrar dentro da igreja, de encontrar o meu lugar”*. Sendo assim, a convivência social atribui condições à construção de uma identidade grupal a partir de atividades comunitárias na qual o sujeito se sente parte.

No campo de pesquisa, as atividades dos grupos de expressão artística incluem uma rotina de ensaios semanais, além de apresentações em eventos, nos *“sommás”* (nome atribuído aos cultos), apresentações em *“implantações”* (igrejas localizadas em outras cidades) e ensaios gerais

²³ KOVÁCS, 2007.

²⁴ AMATUZZI, Mauro Martins. *O desenvolvimento religioso: Uma hipótese psicológica*. Rev. Estudos de Psicologia, PUC-Campinas, 2000. p. 15-30.

quando necessário. Desta forma, se envolver em grupos específicos parece contribuir para a constituição de uma identidade coletiva.

Além disso, outro fator que parece demarcar ainda mais esta condição, é o fato de fazer parte de uma igreja considerada “*diferente*” (fora do padrão) pelos jovens participantes da pesquisa. Em outras palavras, essa constituição identitária fornece subsídios para aplacar a necessidade de diferenciação dos jovens, que neste caso, está atrelada ao vínculo institucional. Segundo Miranda,²⁵ na construção de sujeitos religiosos, há uma busca em se diferenciar em relação ao “outro” cristão ou até mesmo ao “outro” não cristão ou sem religião.

é diferente né [...] quando tu vê o pessoal fazendo tecido dentro da igreja, virando pirueta, o pessoal do teatro lá surgindo do meio do palco, são coisas muito diferentes, até mesmo a banda que tem um estilo muito diferente, eu acho realmente que a Onda [Dura] tem essa diferença de outras igrejas e isso chamou muita a minha atenção pra eu querer me inserir nisso (Dona Glória).

Em meio ao pluralismo religioso do século XXI, os jovens podem acabar buscando novas vivências religiosas. Neste processo, elementos culturais demonstram se tornar aliados da igreja pesquisada, principalmente, ao que diz respeito a essa composição de uma identidade grupal. Bentinho relata: “*Eu via só um modelo de igreja sem ter alguma relação com a arte, então me inspirou a investir nisso, para ter esse contato com a arte também dentro da comunidade da igreja*”.

Segundo Gandra,²⁶ na sociedade contemporânea o uso de elementos culturais, como a arte por exemplo, se torna indispensável já que esta tem desempenhado “um papel fundamental nos modos pelos quais se pen-

²⁵ MIRANDA, Júlia. *Convivendo com o “diferente”*: Juventude carismática e tolerância religiosa. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 2010.

²⁶ GANDRA, 2017, p. 390.

sa e se organiza o mundo”. Este autor, com pesquisa realizada no mesmo campo desta investigação, atribui à Onda Dura a capacidade de usar a “cultura como arma”, ou seja, um recurso que demarca a identidade da instituição e a torna mais atrativa. É possível relacionar isso, com a percepção que os jovens participantes da pesquisa têm sobre os grupos de expressão artística que participam: *“A arte dentro da Onda hoje ela está aí pra isso, pra ela ser expansiva, porque em todo lugar que a Onda chega a arte já chega junto com ela porque ela faz parte já da onda como igreja”* (Bentinho).

Além disso, a participação nestes grupos pode promover outras possibilidades mediadas pela instituição pesquisada. Justina relata que participar de um grupo de expressão artística na igreja é uma oportunidade que ela não teve em outro espaço: *“na situação atual financeira que eu estou, eu não teria dinheiro para fazer circus num estúdio profissional, mas pela onda, pela igreja posso ter essa oportunidade”*. Em contraste a isso, grande parte dos jovens que participaram da pesquisa, já viviam experiências em grupos de artes fora da igreja, entretanto, pontuam a importância de trazer as experiências artísticas para o contexto religioso: *“o mesmo trabalho que eu faço profissionalmente, a gente tira de fora o profissional, a bagagem que temos e traz pra cá, para que seja a mesma coisa”* (Bentinho). Em ambos os casos, o vínculo com a instituição promove estas mediações para os jovens, possibilitando um projeto que trafega entre a vida pessoal, profissional e comunitária.

Apesar de trazerem estas questões como algo positivo, levar experiências artísticas para a instituição religiosa também traz alguns desconfortos para os jovens participantes da pesquisa. Eles relatam ter que enfrentar muitos paradigmas relacionados a esta questão. Estes

paradigmas podem ser familiares: *“quando comecei a fazer teatro dentro da igreja tinha uma certa negação dentro de casa, porque para os meus familiares a igreja não deveria ter contato com isso, era algo exclusivo de fora”* (Bentinho). Outro desconforto acontece na relação artística profissional, como relata Capitu: *“quando eu falo que danço na Onda, eles ficam, ‘ah, uma igreja’ como se tu tivesse desperdiçando toda tua formação pra fazer dancinhas na igreja sabe, e as pessoas não tem essa visão de que é com excelência também”*. E ainda, desafios pessoais, relativos ao significado que a questão religiosa tinha antes de chegar no contexto desta igreja: *“antes de entrar no ministério tinha muitas barreiras. Como assim eu vou dançar de pontas na igreja? Vou usar tutu na igreja?”* (Capitu).

Esta problemática não é novidade para o campo religioso. Este fato, atribuído como “paradigmas” para os jovens, pode ser explicado a partir de uma concepção antropológica pentecostal da arte. As expressões artísticas, não recebem tanta relevância no movimento pentecostal, haja visto que “além de serem tidas essencialmente como modos de expressão ‘mundana’, persiste o receio de que tais produções estariam mais ligadas à dimensão corpórea do que espiritual”.²⁷

Embora esse tema tenha se apresentado como uma dificuldade para os jovens da pesquisa, o fato de participarem de uma igreja que atravessa estes paradigmas ao valorizar a expressão artística em seus cultos, demarca ainda mais uma identidade institucional. Estes, entre outros aspectos que se operam através dos vínculos com os grupos de expressão artística, são considerados como essenciais na constituição de uma identidade pessoal dos sujeitos de pesquisa.

²⁷ GANDRA, Valdinei Ramos; GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue. *Linguagens Teológicas e Antropológicas: Implicações na Conceituação da Arte na Assembleia de Deus*. Azusa: Revista de Estudos Pentecostais, Joinville. 2016. p. 66.

CENA 2 – “A saga cega de Justina e das lágrimas de Bentinho: Uma cena de afetos”

O fazer artístico enquanto forma de se apropriar da arte, pode provocar alterações no psiquismo do sujeito.²⁸ Neste movimento, a arte imprime no sujeito, ao mesmo tempo em que o sujeito imprime na arte, novas formas de existir. Pensando nesse sentido, é possível identificar em algumas das experiências relatadas pelos jovens, um processo de (re) significação de si, à medida que estas, provocam mudanças de percepção acerca de si mesmo e da sua realidade. Se passa a enxergar o mundo com novos significados ao passo em que estão vivenciando a expressão artística e com ela, se recriando.

As vivências que os participantes da pesquisa relatam, expressam em suas mais variadas formas, modos de se fazer e se apropriar das experiências artísticas. Segundo Furtado,²⁹ as relações estético-criadoras enquanto “um modo de ação humana no qual se objetivam as relações e os processos de singularização dos sujeitos” vão possibilitar aos sujeitos um estranhamento/distanciamento da realidade vivida, oferecendo subsídios para a produção de outras formas de percepção de si e do mundo.

Segundo Aquino³⁰ “em qualquer cultura, a religião é uma tentativa de prover significados gerais para que os sujeitos, individualmente, possam interpretar sua experiência e organizar sua conduta”. Para entender isso, usamos a fala de Ezequiel, que tendo vivenciado uma larga experiência com a dança, com rotineiras apresentações em festivais, relata passar

²⁸ BARROCO, Sônia Mari Shima; SUPERTI Tatiane. *Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano*. Psicologia e Sociedade, 2014, p. 22-31.

²⁹ FURTADO, Janaína Rocha et al. *Teatro sem Vergonha: Jovens, Oficinas Estéticas e Mudanças nas Imagens de Si Mesmo*. Psicologia Ciência e Profissão, 2011. p.68.

³⁰ AQUINO, 2009, p. 231.

por algumas mudanças nas formas de lidar com as experiências artísticas ao começar a participar em grupo de dança na comunidade religiosa:

Eu já entendia a arte de uma outra forma, era uma outra cultura já, então quando eu fui para o ministério [grupos de expressão artística], a minha forma de olhar o festival, minha forma de olhar as pessoas, de olhar as situações, foi bem diferente, então a dança dentro da igreja me acrescentou isso sabe, de como lidar com a arte fora dela.

Sendo assim, tanto a arte como a religião podem fornecer ao ser humano fontes de significados que contribuem para esta recriação de si. Embora neste contexto a expressão artística esteja condicionada aos sentidos da religião, é possível perceber que a participação nestes grupos promove experiências que acabam por potencializar os processos de afetação. Quando o ser humano cria, ele potencializa a vida, amplia as experiências e cria novos encontros com a realidade e consigo mesmo. O seu corpo e sua realidade são afetados a partir do processo de criatividade. Segundo Zanella³¹ “a afetividade é um modo específico de o sujeito relacionar-se, fazendo-se mediação para toda e qualquer relação que for vivenciar em determinados contextos”, sendo fundamental para desencadear um processo de criação.

A arte enquanto parte de um processo de criatividade, pode promover encontros e produzir afetação. A partir disto, sugerem-se estes encontros compreendidos a partir de um conceito de “bons encontros”, onde “uma coletividade que, sem abrir mão de seu modo de ser, acolhe a multiplicidade, em movimento de recriação permanente da existência coletiva”³² espaços onde os afetos mobilizados podem proporcionar novas possibilidades.

³¹ ZANELLA, Andréa Vieira et al. *Movimento de objetivação e subjetivação mediado pela criação artística*. Psico-USF. 2005. p. 192.

³² SAWAIA, Bader Burian. *Comunidade como ética e estética da existência: uma reflexão mediada pelo conceito de identidade*. Rev. Psyque, 1999. p. 24.

Um bom encontro pode ser definido como o encontro de dois ou mais corpos que na sua relação de composição, aumentam a potência de ação. Em princípio os bons encontros não possuem um valor prático, são da ordem da espontaneidade, não possuem objetivos específicos, tão pouco planejamento determinado. Tudo o que acontece, ou pode acontecer depende da disponibilidade dos que ali se encontram. Acredita-se então, que os bons encontros são processos grupais que acontecem sem uma intencionalidade, sem determinações e que modificam os sujeitos presentes, na medida em que estes modificam também o grupo, em um movimento dialético.

Segundo Zanella³³ o sujeito “objetiva sua subjetividade quando cria algo novo, quando individualiza um produto, o qual foi gestado em caráter intersubjetivo”. Este processo é entendido como um movimento de subjetivação e objetivação que pode ser mediado através das experiências artísticas, dando a esta, um caráter único e irrepetível. Estas experiências, que estão sendo socialmente produzidas através dos grupos de expressão artística, se apresentam como mediadores deste processo de subjetivação a partir do contato do sujeito com sua realidade emocional, compreendendo que os bons encontros, operam desvios na lógica e proporcionam efeitos para além do grupo.

Segundo Zanella,³⁴ a arte tem como função primordial a constituição e expressão humana no mundo. Ou seja, ainda que em um contexto social, a arte é individualizada. “*Pra mim a arte é onde eu expresso quem eu sou, eu consigo expressar o íntimo de quem eu sou*” (Escobar). Assim, em meio a todas as influências que a experiência artística recebe neste contexto religioso, é desse “íntimo de quem eu sou” que estamos falando

³³ ZANELLA, 2005, p. 193.

³⁴ ZANELLA, 2005.

quando nos referimos a expressão artística, experiências com a arte que escapa a norma, sai do protocolo, desvia do roteiro, é da ordem do inesperado, como um choro fora do *script*.

Uma venda nos olhos pode passar a ser mais do que um pedaço de pano, podendo representar uma possibilidade de cegar-se para as realidades dadas, visíveis, marcadas pelas impossibilidades. Mediante tal processo, cria-se espaço para imaginação e reinvenção de si e da própria experiência. Fechar os olhos, é antes, abertura de um olhar para si, imaginando uma forma de vida ainda em descoberta, em criação. E porque não pensar que é nesse íntimo que pode ocorrer a troca entre sujeito e arte, é ali onde o sujeito encontra-se com ele mesmo, transforma e é transformado, e é disso que se trata o afeto, a capacidade do ser humano de afetar e ser afetado e com isso, recriar-se.

CENA 3 – “A prece de Capitu”

Aquino³⁵ (2009), ao fazer uma leitura de Mircea Eliade, enfatiza a distinção do sagrado e do profano na discussão da experiência religiosa. O espaço sagrado é considerado pelo sujeito como um lugar real, fonte de verdades e o profano como um espaço indiscriminado, dessacralizado. Sendo assim “para o homem religioso, o sagrado, com suas imposições e regras, tem um valor existencial, pois diz respeito à fundação ontológica de todas as coisas”.³⁶ Pensando nestes elementos constitutivos do religioso, como já mencionados, não podemos nos furtar de considerar o modo como neste contexto estão significadas pelos jovens as relações entre a experiência artística e religiosa.

³⁵ AQUINO, 2009.

³⁶ AQUINO, 2009, p. 231.

Uma das formas de articulação entre o religioso e o artístico é da submissão de um pelo outro: *“essa foi a principal coisa de me colocar aqui, não por simplesmente amor à arte, amor ao teatro, mas em primeiro lugar, amor a Deus. É como se fosse um dízimo, ele me deu esse dom, e eu preciso retornar ele para ele”* (Padre Cabral).

O que se percebe nesta fala é uma sobreposição do aspecto devocional sobre a expressão artística. Assim, pode-se dizer que um dos motivos ao que se deve e organiza a participação dos jovens nestes grupos, consiste em um movimento de devoção a Deus. Segundo Aquino³⁷ “O sagrado tanto aponta a devoção como a exige, e, nesse sentido, induz a aceitação intelectual e reforça o compromisso emocional”.

a arte foi uma das maneiras que eu aprendi a adorar a Deus, eu já era de igreja antes, e era muito difícil pra mim no louvor, eu não conseguia me conectar com Deus, e hoje em dia eu posso não estar servindo, mas no louvor eu mexo a mão sabe, como se tivesse com a flag [bandeira] porque é a maneira de eu adorar a Deus (Justina).

Observa-se nos relatos uma busca de agradar a Deus e acrescentar à vida um aspecto de relevância. *“Isso realmente me inspira a usar o talento que eu tenho de forma relevante a tocar o espírito de outras pessoas, pra que eu aproxime tanto ela quanto eu da glória de Deus”* (José Dias). O sujeito imerso na contemporaneidade, “se constitui por inúmeros mal-estares, sentimentos de aflição, insegurança, depressão, ansiedade; já que são permanentemente ameaçados pela possibilidade de se tornarem supérfluos”.³⁸ Assim, implicados em um movimento religioso, a vida pode passar a ser atribuída de sentidos que se estende a provisoriedade oferecida na cultura da sociedade moderna. As experiências cotidianas com os grupos

³⁷ AQUINO, 2009, p. 232.

³⁸ TFOUNI, Fabio Elias Verdiani; SILVA, Nilce da. *A modernidade líquida: o sujeito e a interface com o fantasma*. Revista Mal-estar e Subjetividade – Fortaleza. 2008. p. 177.

de expressão artística são vividas com um olhar para o transcendente. Os jovens afirmam que não estão fazendo para si próprios, mas sim “para Deus”, e isso influencia a própria dinâmica dos grupos e a forma como encaram os desafios:

um dia eu ia servir no louvor, aí a minha líder falou que ia ter que improvisar, contemporânea, daí eu fiquei, meu é impossível porque eu sou péssima e não vou conseguir, enfim, aí eu orei antes pra Deus, me usa de alguma forma e vai acontecer, aí eu cheguei lá e eu consegui fazer. Nunca, lá no bolshoi, todas as vezes que eu tentava improvisar eu travava e enfim, aquele dia fluiu, meu pra mim foi, eu sou capaz mas Deus tá fazendo de alguma forma (Capitu).

O que esta narrativa demonstra, é não só a presença de uma postura de fé diante da relação com o artístico, mas de um comportamento a partir de uma perspectiva do “sagrado”. O que está em um primeiro plano é a relação com o este lugar sagrado. Neste momento, há uma conduta de ir além do seu conhecimento técnico. Assim é também com os outros participantes da pesquisa, que se sujeitam a um elemento visto como força superior pelo campo religioso.

Para os sujeitos de pesquisa, a questão voltada a excelência e ao profissionalismo, está diretamente implicada com a noção de devoção e serviço. Ao serem questionados em relação ao voluntariado, relatam: “*porque não pode ser algo profissional, porque pra Deus tem que ser mais ou menos? Tem que dar tudo da gente pra Deus*” (Justina). Eles enxergam que pelo fato de estarem fazendo para Deus, exige muito mais imersão, envolvimento e dedicação: “*antes eu fazia por dinheiro ou por amor aquela companhia, mas hoje é pra Deus então tem muito mais de mim, eu sofro muito mais, eu me jogo muito mais, eu sou muito mais apaixonado, não é simplesmente qualquer coisa*” (Padre Cabral).

A linguagem artística se estabelece como mediadora no movimento de transcendência buscada no espaço religioso, à medida que facilita o

modo do sujeito ter acesso a uma experiência transcendental: *“cada um louva a Deus como pode, como se sente melhor e eu creio que nós artistas, nós louvamos mais genuinamente quando nós fazemos a nossa arte”* (Padre Cabral). Este é um dos motivos salientados pelos jovens, pelos quais eles buscaram participar dos grupos de artes dentro da igreja, pois dizem que desta forma, conseguem se conectar com o objeto transcendente: *“comecei a buscar cada vez mais isso pra sentir aquela paz e começar a sentir Deus, eu me tranquilizando eu conseguia me conectar melhor a ele”* (Dona Glória).

Ainda que haja uma diferença entre religião e espiritualidade, entende-se que a espiritualidade é passível de ser vivenciada dentro do campo religioso, como função central da experiência religiosa. Segundo Aquino³⁹ a experiência religiosa fornece ao sujeito fonte de significados pela via do sagrado, ao passo que a espiritualidade, que seria de fato a “busca do sagrado”.

Segundo Kovács⁴⁰ “A espiritualidade é, também, uma busca humana em direção a um sentido, com uma dimensão transcendente. “No contexto da pesquisa, a experiência de espiritualidade encontra-se imbricada aos sentidos culturais que este campo oferece, tecendo-se nele e com ele. Neste sentido, os grupos de expressão artística podem ser compreendidos como um dos instrumentos que este campo religioso fornece, para que o sujeito viva também, a espiritualidade.

Os jovens falam da expressão artística não só como fundamental para viver igreja, mas a importância dela na experiência de fê: *“Acho que não tem mais como separar sabe, talvez um dia meu chamado mude mas hoje é esse, é como se eu não pudesse amar a Deus com palavras e preciso dançar para externaliza esse amor sabe”* (Capitu). Outra jovem fala: *“Pra*

³⁹ AQUINO, 2009, p. 230.

⁴⁰ KOVÁCS, 2007, p. 246.

mim, viver igreja é viver arte também, está em conjunto, andando lado a lado” (Justina). E ainda: “hoje a arte é um pilar dentro da igreja, exercendo a minha fé “ (Bentinho).

A fé tem uma dimensão subjetiva, e “está vinculada à força espiritual e à busca em acreditar num sentido maior”.⁴¹ Desta forma, é possível entender o movimento de engajamento do sujeito no espaço religioso, como uma busca por ampliar o sentido da vida para além das coisas objetivas, sendo a expressão artística para os sujeitos de pesquisa, propulsor deste engajamento com a religião e fundamental no estabelecimento de um vínculo com a experiência de espiritualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa foi possível perceber que o campo religioso é um campo de multiplicidade de sentidos passíveis de serem explorados pela ciência psicológica. A cultura religiosa demonstra ter uma forte influência sobre os processos de subjetivação dos sujeitos que circulam neste meio, podendo ser considerada uma esfera de grande importância na vida do sujeito, na qual ele se apoia e orienta sua vida. Compreende-se que as relações entre arte e religião, amplamente conhecidas, não são estáticas, mas diversas e complexas, ou seja, atravessadas por outros tantos fatores.

Os grupos de expressão artística neste contexto, se mostram como mediadores de diversos processos. A participação dos jovens nestes grupos demonstra a demarcação de uma identidade, além de promover o fortalecimento dos vínculos comunitários, viabilizar a vivência da espiritualidade e ainda possibilitar experiências que mobilizam os afetos e produzem uma resignificação de si e da percepção da realidade.

⁴¹ KOVÁCS, 2007, p. 246.

Também há neste cenário uma cultura institucional que organiza o espaço religioso e produz interferências na forma de vivenciar as experiências artísticas. As narrativas demonstram que os sujeitos da pesquisa que estão inseridos nesta realidade se apropriam dos significados que estão instituídos tanto pela religião como pela arte e ainda, pela identidade da própria instituição, constituindo desta forma um modo de ser jovem a partir destas multiplicidades de sentidos que permeiam este espaço.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sérgio. *Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos*. Psicologia Ciência e Profissão, 2006, 26 (2), 222-245.
- AMATUZZI, Mauro Martins. *O desenvolvimento religioso: Uma hipótese psicológica*. Rev. Estudos de Psicologia, PUC-Campinas, v. 17, n. 1, p. 15-30, janeiro/abril 2000.
- AQUINO, Tiago Antônio Avelar de. *Atitude Religiosa e Sentido da Vida: Um Estudo Correlacional*. Psicologia ciência e profissão. 2009, p. 228 – 243.
- BARROCO, Sônia Mari Shima; SUPERTI Tatiane. *Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano*. Psicologia e Sociedade, 2014, 26(1), 22-31.
- DAYRELL, Juarez. *O jovem como sujeito social*. Revista Brasileira de Educação, nº24, 2003.
- FURTADO, Janaína Rocha et al. *Teatro sem Vergonha: Jovens, Oficinas Estéticas e Mudanças nas Imagens de Si Mesmo*. Psicologia Ciência e Profissão, 2011, 31 (1), 66-79.
- GANDRA, Valdinei. Ramos. A ascensão da Igreja Onda Dura de Joinville: ‘usos da cultura’ como estratégias de mercado e mídia no campo religioso. In. OLIVEIRA, David Mesquiati; FERREIRA, Ismael de Vasconcelos; FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Pentecostalismos em perspectiva*. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017.
- GANDRA, Valdinei Ramos; GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue. *Linguagens Teológicas e Antropológicas: implicações na Conceituação da Arte na Assembleia de Deus*. Azusa: Revista de Estudos Pentecostais, Joinville, v. 7, n.2, p. 53-70, jul. /dez. 2016.
- _____. A ascensão da Igreja Onda Dura de Joinville: ‘usos da cultura’ como estratégias de mercado e mídia no campo religioso. In. OLIVEIRA, David Mesquiati; FERREIRA, Ismael de Vasconcelos; FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Pentecostalismos em perspectiva*. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017, p. 385 – 394.
- GÓES, M. C. R. *A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade*. Cad. CEDES [online]. 2000, vol.20, n.50, pp.9-25.
- KOVÁCS, Maria Júlia. *Espiritualidade e psicologia – cuidados compartilhados*. O MUNDO DA SAÚDE São Paulo: 2007: abr./jun. 31(2):246-255.

- LOPES, B. E. M. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Revista Educação e Políticas em Debate – v. 3, n.2 – ago. /dez. 2014
- MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. *Psicologia social e processo grupal: a coerência entre fazer, pensar sentir em Sílvia Lane*. Psicol. Soc., Porto Alegre, v. 19, n. spe2, p. 76-80, 2007.
- MINAYO, M.C.S. *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MIRANDA, Júlia. *Convivendo com o “diferente”*: Juventude carismática e tolerância religiosa. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 30(1): 117-142, 2010.
- OLIVEIRA, Wellington Cardoso de. *Juventude e Religião no século XXI: A crise dos compromissos religiosos*. Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama Vol. 2 n.1, 2010.
- PAIVA, Geraldo José. *Algumas relações entre psicologia e religião*. Psicologia – USP, São Paulo. 1990, p. 25-33.
- PAIVA, Geraldo José *et al.* *Psicologia da Religião no Brasil: a produção em periódicos e livros*. In: Psicologia: Teoria e Pesquisa. vol. 25, n. 03. São Paulo: 2009.
- PAIVA, Geraldo José *et al.* *Religiosidade Clássica, Espiritualidade Contemporânea e Qualidade de Vida: Discussões Psicológicas*. RELEGENS THRÉSKEIA estudos e pesquisa em religião V. 04 – n. 01 – 2015
- SAWAIA, Bader Burian. *Comunidade como ética e estética da existência: uma reflexão mediada pelo conceito de identidade*. Rev. Psyque, v. 8, n. 1, p. 19-25, 1999.
- SILVA, João Bernardino da; SILVA, Lorena Bandeira da. *Relação entre religião, espiritualidade e sentido da vida*. Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. 3 (2), 203-215, 2014.
- TFOUNI, Fabio Elias Verdiani; SILVA, Nilce da. *A modernidade líquida: o sujeito e a interface com o fantasma*. Revista Mal-estar e Subjetividade – Fortaleza – Vol. VIII – Nº 1 – p. 171-194 – mar/2008
- ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. *Ensaio sobre psicologia e religião: Uma questão do olhar*. Psicólogo inFormação ano 14, n, 14 jan. /dez. 2010
- ZANELLA, Andréa Vieira *et al.* *Movimento de objetivação e subjetivação mediado pela criação artística*. Psico-USF, v. 10, n. 2, p. 191-199, jul. /dez. 2005.